

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo Class.: 225

Data 17 de novembro de 1978 Pg.: _____

Um repórter na trincheira dos derrotados

FSP - 17.11.78

Edilson Martins cresceu ouvindo histórias de atrocidades cometidas contra os índios, que não revocaram o mínimo espanto ou constrangimento. Isso lhe bastou para que nos últimos oito anos, convivendo como repórter com índios de todo o Brasil denunciasse a destruição, o extermínio das culturas indígenas em nome da expansão nacional. Agora, o livro "Nossos Índios, Nossos Mortos", lançamento da Editora Codecri, reúne reportagens, entrevistas e artigos, alguns publicados em jornais e revistas a partir de 1970.

Edilson Martins acompanha os últimos passos do índio, desde os Pataxós que recepcionaram a braba em Porto Seguro até os Guaraniés que gora pedem esmolas nas ruas de São Paulo, um relato que não pretende ser romântico:

— A defesa do índio brasileiro é a defesa do homem civilizado de ontem, de hoje e de amanhã. Muito mais um conto do que agora conto, em esconder um evidente sentimento de raiva. Os índios estão sendo exterminados e com eles perdemos também nossa fauna e flora, seus elementos mais importantes e que também são indispensáveis ao "homem civilizado".

A principal denúncia do meu livro é o processo de ocupação da Amazônia, que abriga mais da metade da população indígena — calculada em 120 mil pessoas.

"O índio enfrenta a cobiça de certos grupos econômicos na Amazônia. Grandes grupos como o da Volkswagen, Bradesco, Swift ou do latifundiário Ludwig que, para implantar os projetos agropecuários (a meta dos últimos governos para colonizar a região) estão destruindo as florestas, derrubando árvores de mais de 100 anos. Além de assistirmos a um desequilíbrio da natureza, a pecuária vai de encontro com as terras dos índios. Naturalmente frágil, ele não resiste a esse confronto e sai perdendo".

Edilson encontrou em suas andanças grileiros, caçadores de pele e até foragidos da justiça. Gente que chama o índio de "bugre", com o sentido apenas de diminuí-lo e quando o chama de cunhado tem apenas uma intenção, que é a de cobiçar sua mulher.

Por tudo o que já presenciou até agora, ele não poderia ser a favor da emancipação do índio que o governo está propondo. Para ele, emancipação significa catequese, aculturação e integração que até agora tem como resultado positivo a miséria e a situação ultrajante em que os índios se encontram.

"Emancipação é uma palavra falsa. Basta lembrar que se a União tivesse cuidado bem dos índios, eles não estariam nessa situação. No Estatuto do Índio de 1973, Lei 6001, o governo se comprometeu a demarcar as terras indígenas em cinco anos. Mas o prazo expira neste ano e até agora nem 40 por cento delas foram demarcadas. Isso significa, em outras palavras, que o Estado é um péssimo tutor e que o nosso índio ainda é menor, não pode ser emancipado sem ter terra para viver e condições de sobreviver. A questão por si só acaba aqui".

O livro "Nossos Índios, Nossos Mortos" prova, em seus vários relatos, que o índio não precisa ser emancipado. Ele tem sua própria cultura para ser respeitada, e Edilson fala até que os homens civilizados deveriam se voltar para ela na reportagem "O Limite da Sobrevivência".

"O índio do Xingu não põe fogo em suas matas, não caça indiscriminadamente, raramente come carne, e quando o faz é de peixe, ou de ave. Até a pesca ele a realiza de formar regular, sem



O jornalista Edilson Martins dedicou-se aos índios e o resultado foi o livro: "Nossos Índios, Nossos Mortos".



"A defesa do índio brasileiro é a defesa do homem civilizado de ontem, de hoje e de amanhã."

ameaçar o período da desova. Um homem que vive numa área onde não dissemina o fogo, não desmata indiscriminadamente e não elimina as espécies da fauna é, sem dúvida alguma, um fator de equilíbrio e harmonia em toda a região".

Dados igualmente interessantes fazem parte dos relatos do livro, que tem suas fotos feitas pelo próprio autor. Edilson começa por mostrar desde os rituais dos diversos grupos indígenas, em seu estado de plenitude, às violências assumidas discretamente, o trabalho de atração e o extermínio.

Um dado novo introduzido no livro é que o

repórter entrevistou os próprios índios para dar seu parecer sobre os problemas que estão enfrentando e que culminam com a exterminação de seu povo. Mário Juruna tem seu relato transcrito literalmente, ao responder a pergunta: "Você vai muitas vezes à cidade. Sempre traz pedidos para seu povo. Como são essas viagens?"

Juruna: "Eu pensava aqui, que a gente podia conseguir alguma coisa. Aqui, Brasília, é cabeça do Brasil. Então, eu pensava, que na cabeça do Brasil, as coisas se resolve na hora. E quanta coisa aprendo cada vez. E tudo sempre mais errado. Então, a gente pensa: tem que ser de-

vagar. Eu vou Palácio do Planalto, eu vou Ministério do Interior, eu vou Funai. Vou jornalista. E prá lá, é pra cá. Muito burocracia. Não sou como civilizado pode viver assim. Muito complicado. Então, eu pergunto, peço, e não resolve nada".

Edilson Martins não pretende encerrar com este livro seu trabalho de denúncia das atrocidades sofridas pelos índios. Tanto que está preparando um segundo livro, "Nós do Araguaia", para ser lançado no início do ano, que continua o trabalho anterior, na medida em que fala sobre os conflitos entre índios e civilizados. Mas introduzindo também as desavenças entre a Igreja — representado principalmente por Dom Pedro Casaldáglia —